



O POETA GREGÓRIO DE MATOS GUERRA NA PERSPECTIVA DOS ROMANCES DE ANA MIRANDA: FICCIONALIDADE E INTERTEXTUALIDADE NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

THE POET GREGORIO DE MATOS GUERRA FROM THE PERSPECTIVE OF ANA MIRANDA'S NOVELS: FICTIONALITY AND INTERTEXTUALITY IN THE PROCESS OF HISTORICAL RECONSTRUCTION

Claudia Moraes¹

Danglei de Castro Pereira²

RESUMO: O presente estudo propõe-se a investigar os recortes nos limites entre literatura e história e a construção intertextual nas obras de Ana Miranda que versam sobre a vida do poeta seiscentista Gregório de Matos, a partir da sua representação ficcionalizada enquanto personagem em duas obras literárias, em análise comparativa. O *corpus* literário é composto pelo romance *Boca do Inferno* (1989) e pela biografia romaneada *Musa Praguejadora* (2014).

Palavras-chave: Ana Miranda; História; Ficcionalidade; Intertextualidade.

ABSTRACT: The present study aims to investigate the cutbacks in the boundaries between literature and history and the intertextual construction in the works of Ana Miranda that deal with the life of the seventeenth century poet Gregório de Matos, from his fictional representation as a character in two literary works, in comparative analysis. The literary corpus consists of the novel *Boca do Inferno* (1989) and the novella biography *Musa Praguejadora* (2014).

Keywords: *Ana Miranda*; History; Fictionality; Intertextuality.

INTRODUÇÃO

Ao se considerar os estudos comparados em literatura na contemporaneidade percebe-se que o texto literário está intrinsecamente ligado aos contextos social, histórico

¹ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB). Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: claudiamoraes27@gmail.com

² Professor Doutor da Universidade de Brasília. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLIT/UnB). E-mail: danglei@terra.com.br



e ideológico. Portanto, chega-se ao entendimento de que estudar literatura é também estudar história, filosofia, antropologia, sociologia, observando os mais variados elementos presentes no texto a partir de uma ótica que privilegie uma crítica da totalidade que o compõe: contexto histórico, ficcionalidade, composição literária. Proceder uma análise literária, no atual contexto, é também ter a percepção de que o texto literário é uma construção histórica, cultural e socialmente situada.

O presente estudo pretende problematizar o processo de criação artística da autora Ana Miranda, respectivamente em duas obras que versam sobre o poeta Gregório de Matos Guerra, considerando o seguinte questionamento: de quais estratégias literárias a autora lança mão para retornar à vida e obra do autor barroco da Bahia seiscentista através de um trabalho de reconstrução histórica aliada à criação literária própria do labor do romancista?

Desta forma, a discussão versará sobre a representação de Gregório de Matos como personagem de ficção em Ana Miranda, trazendo uma proposta de pesquisa para a questão da ficção nos romances da autora e propondo um recorte mais amplo nos limites entre literatura e história na obra da autora, considerando também o conceito de intertextualidade que é de extrema importância para compreender a literatura da autora. Assim, pretende-se observar como Ana Miranda utiliza o real em direção a uma mobilização da história em sua ficção, criando lacunas face ao que denominamos como discurso histórico propriamente dito. Essa discussão amplia questões relacionadas à biografia romanceada e novo romance histórico na obra da autora em direção ao conceito de narrativa histórica, conforme a perspectiva de autores como Linda Hutcheon (1991), bem como a formas de compreender o passado, conforme autores como Beatriz Sarlo (2007) e Paul Ricoeur (2007). No âmbito dos estudos literários utilizaremos como base Alfredo Bosi (2013), Luiz da Costa Lima (2010) e João Adolfo Hansen (2004).

O conceito de intertextualidade no contexto dos romances de ana miranda

As práticas intertextuais são assunto atual e pertinente no âmbito das pesquisas em Literatura e Língua Portuguesa, buscando demonstrar como o diálogo entre textos pode ser profícuo e utilizado das mais diversas maneiras, inclusive na literatura. Desse modo, Ana Miranda, em suas duas obras, reconstrói historicamente não apenas a personalidade de um de nossos autores mais importantes, mas também destaca uma



perspectiva de leitura enriquecida pela miscelânea entre personagens históricas e ficcionais, passagens da própria autora mescladas aos versos do poeta em questão, num jogo intertextual que empreende um trabalho de recriação das perambulações de Gregório de Matos na Bahia do século XVII, além de Angola e Recife. Ana Miranda, nas localizações de sujeito e nas representações da história, proporciona a visão de um projeto literário sem a pretensão de propor interpretações fechadas, possibilitando aos sujeitos de épocas diferentes a reflexão sobre suas histórias contadas.

No romance *Boca do Inferno*, por exemplo, tem-se uma trama que gira em torno do assassinato do alcaide-mor como pretexto para fabular sobre a vida de personalidades da época, históricas e inventadas, num jogo intertextual que incita o leitor a compreender o quebra-cabeça literário montado pela autora. Há momentos, portanto, em que a autora ficcionaliza os anseios de sua personagem principal, ilustrando como o poeta brasileiro seguia as influências do Barroco espanhol, como na passagem a seguir:

Gregório de Matos queria, como o poeta espanhol, escrever coisas que não fossem vulgares, alcançar o culteranismo. Saberia escrever assim? Sentia dentro de si um abismo. Se ali caísse, aonde o levaria? Não estivera Gongora tentando unir a alma elevada do homem à terra e seus sofrimentos carnis? Gregório de Matos estava no lado escuro do mundo, comendo a parte podre do banquete [...] Teria sido bom para Gregório se tivesse nascido na Espanha? Teria sido diferente? “Ah, Gregório”, pensou o poeta, “por que em *culis mundi* te meteste?” (MIRANDA, 2016, p.13)

Neste trecho a autora faz referência à admiração de Gregório de Matos pelo poeta espanhol Luis de Góngora y Argote, um dos expoentes da literatura Barroca do Siglo de Oro e clara referência para a poesia do autor brasileiro. Neste sentido, trata-se portanto de mais uma fortuna crítica que se apresenta no romance a fim de demonstrar de que maneira Matos Guerra se sentia influenciado por outros autores que existiram factualmente, ao mesmo tempo em que demonstra, sob o prisma do autor, seu momentâneo desgosto por ter nascido no Brasil – referido pela expressão latina satírica *culis mundi*.

Como base teórica do estudo ora em questão o conceito de intertextualidade é de suma importância. Sua criadora, Julia Kristeva, cunhou o termo a partir de leituras sobre o dialogismo de Mikhail Bakhtin, sendo a autora aqui citada por Leyla Perrone-Moisés:



“(...) todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos; ele é uma escritura réplica (função e negação) de outro (dos outros) texto(s)” (KRISTEVA, apud PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 94). Já Linda Hutcheon, em seu *Poética do Pós-Modernismo* (1991, p. 158) afirma o seguinte: “A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto”.

A partir dos estudos bakhtinianos sobre literatura, Kristeva refez a rota do dialogismo no sentido de demonstrar que já não mais existem discursos originais: os discursos formam-se como fragmentos de outros discursos, num contexto em que, *a priori*, tudo já foi dito. Isto posto, entende-se o romance como entidade dinâmica em constante dialogismo e aberto às mais variadas leituras. Compreende-se, assim, que um texto só existe em relação a outros textos já produzidos – daí a relevância da ideia de “mosaico de citações” que Kristeva cunha em seus trabalhos.

Outro ponto que é de suma importância para a investigação que aqui se delinea são as considerações sobre a fluidez das fronteiras entre história e literatura. Percebe-se que as duas disciplinas, enquanto campos epistemológicos, estão construídas sobre um terreno teórico ora nitidamente definido, ora passível de instabilidade. O trabalho preciosista de reconstrução recorre, conforme discutido, no preenchimento de lacunas pelo viés ficcional e imaginativo, haja vista a impossibilidade de conhecer toda a verdade histórica que constituiria a vida do poeta. Desta forma, trata-se de uma narrativa ficcional que almeja uma reprodução artística de um determinado momento ou de uma determinada história de vida, fazendo com que o tema seja tratado literariamente sem perder de vista os fatos ocorridos. Segundo Alfredo Bosi, em capítulo intitulado “As fronteiras da literatura”, de obra denominada *Entre a Literatura e a História* (2013, p. 224):

Por mais que o romancista inclua fatos que ele pode atestar, no caso do romance histórico, ou do romance realista do século passado, nós sabemos que aqueles fatos estão sendo trabalhados por uma corrente subjetiva, filtrados, transformados. Ainda que o *quantum* de real histórico seja ponderável, o modo de trabalhar, que é essencial, é ficcional (BOSI, 2013, p.224).

Portanto, as obras analisadas se configuram como espaço privilegiado de possibilidades, lugar onde os fatos podem ser encenados de modo a convencer o leitor. A ficcionalidade da vida do poeta abre uma nova perspectiva de leitura que entrelaça



criativamente literatura e história e se vale largamente da intertextualidade para criar uma obra original.

Gregório de matos e a fortuna crítica na literatura brasileira

O poeta Gregório de Matos Guerra foi considerado, ao longo da historiografia literária brasileira, uma persona envolvida em um impasse, já que pouco se sabia de sua vida e de seus poemas, já que durante muito tempo não houve uma sistematização que lhes pudesse dar a devida grandeza. Nesta via de mão dupla que poderia, de certa forma, jogar o autor no mais completo esquecimento surgem, entretanto, as mais diversas pesquisas sobre vida e obra do mais ilustre autor do Barroco brasileiro.

A autora cearense Ana Miranda, sendo uma exímia romancista, impõe-se a tarefa de redescobrimto de vida e obra de autores muito caros à literatura nacional, buscando dar uma nova dimensão à realidade de determinada época através de um olhar que privilegia a narrativa literária sem prescindir do trabalho próprio do historiador. Miranda, portanto, tem como propósito fazer surgir uma literatura, principalmente romanesca, que alia o encantamento da reconstrução da realidade às inovações linguísticas, mostrando também um olhar curioso e sensível sobre o passado literário de nosso país. Assim sendo, interessa-nos o olhar que a autora lança ao poeta barroco Gregório de Matos Guerra, olhar este que se apresenta duplamente: no romance *Boca do Inferno* (1989) e na biografia romaneada *Musa Praguejadora: a vida de Gregório de Matos* (2014).

O presente estudo, sendo um recorte da pesquisa que está sendo empreendida no doutorado em Literatura da Universidade de Brasília, propõe uma análise incipiente das duas obras literárias já referidas que recompõe a trajetória do poeta baiano em suas mais diversas nuances: um homem ao mesmo tempo sensual e preocupado com as questões espirituais, dilacerado entre sentimentos opostos, angustiado perante a vida.

Observa-se, desde a escolha dos títulos por parte da autora, uma forte relação intertextual: *Boca do Inferno* refere-se ao apelido dado ao poeta por conta de sua intensa veia satírica, já *Musa Praguejadora* é o título de um dos poemas da extensa obra *Crônica do Viver Baiano Seiscentista*, no qual ele expõe, mais uma vez através da sátira, a hipocrisia da sociedade baiana do século XVII, tendo como alvo tanto a população comum quanto autoridades diversas e o próprio clero, nada escapando de sua pena ferina. Deste modo, Ana Miranda rende homenagens ao poeta barroco desde os seus títulos, nos quais faz questão de deixar claras suas referências. Considerando a veia crítica do poeta



é interessante trazer a visão de João Adolfo Hansen em sua famosa tese intitulada *A Sátira e o Engenho*, defendida em 1988. Segundo o autor, o poeta bahiano:

[...] interpreta o que vive fazendo com que as leis positivas da cidade sejam um efeito racionalmente proporcionado da lei natural da Graça (...) sua agudeza e seu artifício montam um teatro extremamente móvel e inclusivo que postula, pela translação metafórica dos conceitos, os pontos de falha e de falta de antigas virtudes, [tal que] somente a natureza humana é objeto da sátira (2004, pp. 49-50).

Isto posto, a análise tem como foco compreender como a autora, fazendo uma releitura do passado para compreender a vida de seu protagonista, remete seus leitores não só ao passado em si, mas também ao presente, trazendo a voz do poeta seiscentista para o contexto contemporâneo. Ambas as obras lançam mão de recursos variados, unificando o espaço literário por meio de fatos e ficção e incitando o leitor a recorrer ao conhecimento que possui de outros textos e relacioná-los para que se compreenda, afinal, que seu discurso se estabelece a partir de outros discursos prévios sempre em processo de retomada.

É importante ainda destacar que o trabalho de composição do retrato possível do poeta Gregório de Matos é filtrado, acima de tudo, pela imaginação, pelo levantamento histórico e pela verificação da linguagem própria da época em questão. O recurso da intertextualidade é de suma importância para o entendimento e a discussão do processo criativo que permeiam as obras estudadas, uma ideia que foi gestada a partir das leituras da autora que entrecruza vida e poesia em diversos momentos de seu texto, aliando à isso a pesquisa em fontes primárias que serviu como pano de fundo para a recriação histórica, num minucioso trabalho que envolve uma reconstrução linguística em diálogo direto com a historiografia literária.

Compreende-se, portanto, o autor em questão como fruto de um reconhecimento tardio, um artista fortemente dividido entre a influência da Igreja Católica e a sedução do universo popular, conforme demonstrado em suas poesias. Na biografia *Musa Praguejadora* temos uma visão mais ampla de sua vida e podemos participar, então, de etapas importantes, como os estudos em Coimbra, as primeiras aventuras amorosas, seu envolvimento com a política colonial, seu deportamento para Angola e retorno ao Brasil, mais especificamente à cidade de Recife, onde viveu seus últimos dias. Na composição da biografia romanceada a autora lança mão de um recurso interessante: a obra intercala



partes romaneadas à partes documentais, sendo que as partes romaneadas estão em itálico.

No trecho a seguir apresenta-se a reintegração do poeta à vida bahiana depois da destituição do governador Braço de Prata que tanto o perseguiu (2014, p. 303): “Honrado com a função de cronista das cavalhadas, circulando à vista de todos, amigo do filho do governador, Gregório de Matos se sentia novamente integrado à vida da elite bahiana.” A vida do autor é resgatada por meio da ficção de Miranda, sempre com um lastro histórico que fundamenta a descrição do período colonial e os próprios acontecimentos ao longo da existência de Gregório de Matos. A representação deste passado imaginado é colocada em perspectiva pela crítica argentina Beatriz Sarlo em sua obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007, p. 93), onde faz uma colocação sobre como re-viver o passado:

[...] *toda experiência do passado é vicária*, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que a viveram de fato. Toda narração do passado é uma representação, algo dito *no lugar* de um fato.

A citação desperta um ponto importante desta análise: a literatura contemporânea tem buscado novos artifícios para “contar suas histórias”. Ana Miranda se lança duplamente na escrita sobre Gregório de Matos com vistas a enfrentar seu presente e seu passado através da literatura, onde as fronteiras entre o “real” e o “ficcional” não são mais tão nítidas. No que se refere a estes aspectos, a atitude dos autores da literatura contemporânea tem sido a problematização do mundo em que vivem, observando a abertura para a liberdade individual do sujeito e para novas concepções de escrita, de leitura e de percepção de obra de arte mais fragmentárias e plurais.

Dessa forma, as obras em análise trazem vieses literários intertextuais elaborados a partir da perspectiva do resgate da história por meio de uma minuciosa pesquisa sobre a vida do protagonista em dois momentos distintos da autora: há uma diferença de 25 anos entre o romance e a biografia. Considerando alguns aspectos do entrelaçamento entre história e ficção, Luiz Costa Lima (2006, p.156) faz a seguinte colocação:

A verdade da história sempre mantém um lado escuro, não indagado. A ficção, suspendendo a indagação da verdade, se isenta de mentir [...] A ficção procura a verdade de modo oblíquo, i.e., sem respeitar o que, para o historiador, se distingue como claro ou escuro.



A citação acima demonstra as interrelações entre história e ficção, evidenciando como a ficção, se valendo do verossímil, consegue se livrar das amarras de uma possível verdade sempre perseguida pela história. Como afirma Hutcheon (1991, 168) não existe um passado puro e estático em si, mas sim modos de conhecer o passado: “O passado realmente existiu, mas hoje só podemos ‘conhecer’ esse passado por meio de seus textos, e aí se situa seu vínculo com o literário”. É este vínculo que Ana Miranda resgata por meio de um olhar particularizado para a fortuna crítica do autor.

Como a pesquisa que antecede o ato criador da autora é um processo que contempla uma gama extensa de coleta de dados e estudos historiográficos, faz-se necessário notar que a escolha de um autor como Gregório de Matos tem sua razão de ser, primeiramente por se tratar o período colonial de um período extensamente documentado, o que permitiu à autora um trabalho minucioso de levantamento de dados para a composição de ambas as obras. As idiossincrasias das obras analisadas devem também ser levadas em consideração: ao passo que *Boca do Inferno* traz o poeta como personagem de uma intriga ficcional e abrange um arco temporal relativamente curto, *Musa Praguejadora* muda essa chave de representação, pois trata-se de uma livre biografia que agrega informações trazidas de fontes primárias e faz um amplo arco da vida do poeta, acompanhando desde a saída de seu avô de Portugal até os últimos dias de Gregório em Recife.

Entre o céu e o inferno: imagens da bahia seiscentista

A Bahia de Todos os Santos foi uma das capitanias brasileiras durante o período colonial, sendo identificada como o principal burgo da sociedade brasileira seiscentista. É esta cidade no período barroco, berço da poesia de Gregório de Matos, em que convivem a burguesia, o clérigo, o índio, o negro escravo, os novos ricos e judeus, os mulatos alforriados e as prostitutas. Vale ressaltar que na segunda metade do século XVII, a Bahia afirmou-se como a mais importante possessão portuguesa no ultramar, pois além de sua significativa produção açucareira, tinha também uma crescente exportação do tabaco, fonte de grandes proventos para a Coroa e importante no tráfico de escravos com a Costa da Mina. Todos estes elementos são importantes para compreender de que maneira habitar a capitania da Bahia influenciou Gregório de Matos em suas obras e,



sobretudo, os modos como o autor vivia a cidade de Salvador, em todos os seus contrastes e nuances que aparecem tão bem detalhados ao longo dos romances de Miranda.

Em ambos os romances em discussão a cidade de Salvador, capital bahiana, tem uma importância fundamental na formação e nas influências sobre a escrita de Gregório de Matos Guerra. Esta importância é destacada em diversos momentos nas obras de Ana Miranda, posto que ambas se dedicam, em várias passagens, a descrever a Salvador do século XVII em seus múltiplos aspectos, fossem eles físicos ou morais, tais como se percebe no seguinte trecho de *Musa Praguejadora* (2014, p. 27):

Era Salvador da Bahia bem provida de águas. Fontes cristalinas na praia ao lado dos desembarcadouros, onde os navios faziam aguada, serviam também à cidade em sua parte baixa. Na ribeira que cercava a cidade alta, as águas se turvavam pelo movimento de bois que iam beber à nascente; mas outras fontes forneciam água fresca e limpa aos moradores.

Já em *Boca do Inferno* (2016, p. 12), a imagem da capital bahiana está atrelada não só às belas paisagens, mas também às tentações espirituais tão ao gosto do Barroco brasileiro: “Numa suave região cortada por rios límpidos, de céu sempre azul, terras férteis, florestas de árvores frondosas, a cidade parecia ser a imagem do Paraíso. Era, no entanto, onde os demônios aliciavam almas para povoar o Inferno”. É importante destacar, no caso de *Boca do Inferno*, que o título do romance apresenta duas acepções distintas: uma refere-se obviamente à personagem central, o poeta Gregório de Matos, que recebeu a alcunha de *Boca do Inferno* por conta das inúmeras sátiras que fazia em relação não só aos poderosos, mas a todas as outras classes que compunham a sociedade bahiana do seiscentos. Outro sentido do título refere-se justamente à espacialização do romance, cujas ações se concentram na cidade de Salvador, considerada também a *Boca do Inferno* por conta das tentações sem limites que oferecia.

Nos meandros da escrita de Ana Miranda apresenta-se como um desafio para o leitor reconhecer onde está a pura criação de Ana Miranda e onde se misturam as vozes de personagens históricas que ecoam ao longo das obras, os próprios poemas barrocos do poeta ou mesmo os sermões de Padre Antonio Vieira, outra importante personagem histórica que aparece de forma recorrente nos dois trabalhos de Miranda. O trecho que se segue, proferido por Antonio Vieira em *Boca do Inferno*, demonstra seu desagrado em relação ao governo e às consequências que a cidade de Salvador anda assim sofrendo. O



padre mescla um tom lastimoso por conta da situação da cidade ao mesmo tempo em que, intertextualmente, inicia citando o clássico *Os Lusíadas*, do português Luís Vaz de Camões:

Para isso foi que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para isso descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para isso contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas há baixio no oceano que não esteja infamado com miserabilíssimos naufrágios de portugueses? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos as hajamos de ver assim? (2016, p. 54)

O excerto, retirado diretamente de um Sermão do Padre Antônio Vieira, intitulado *Pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda (1640)* - texto religioso redigido pelo sacerdote na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia - trata-se de um sermão de caráter patriótico que serve como crítica aos desmandos que aconteciam no governo de Antonio de Souza de Menezes, o Braço de Prata, português que esteve à frente do estado da Bahia entre 1682 e 1684. Interessante notar que mesmo diante das discrepâncias das datas (o sermão foi escrito em 1640, o governo do Braço de Prata foi na década de 1680) a autora consegue fazer um uso criativo das palavras de Vieira no contexto de seu romance, enriquecendo a ficção com trechos de um sermão efetivamente escrito por Vieira no seu viés mais crítico aos fatos ocorridos na cidade de Salvador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões empreendidas ao longo deste artigo foram descritas e discutidas as iniciativas de reconstrução do passado que a autora Ana Miranda fez para trazer de volta o autor seiscentista Gregório de Matos, pondo em relevo a estratégia de criação que comporta simultaneamente ficção e verdade. A construção textual da qual a autora lançou mão para a criação das obras analisadas também é de extrema relevância, tomando como ponto fundamental a prática intertextual entendida como estratégia de diálogos entre textos. Dessa forma, história e literatura, ficção e realidade andam juntas



no tecido de palavras engendrado por Ana Miranda, que cria um espaço literário de muitas possibilidades, por meio dos quais a Literatura sempre pode surgir e ressurgir de si mesma. Segundo a concepção da própria autora:

Não sinto uma ligação minha com a História do Brasil, mas com a história literária brasileira. E não é propriamente um interesse na investigação das nossas origens, mas uma investigação em nossa língua. O Gregório de Matos, o padre Vieira, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias, todos eles personagens de romances meus, são para mim uma fonte linguística, gosto de trabalhar com a intertextualidade, e gosto do enriquecimento que ocorre na relação com o acervo literário. Creio que toda obra literária de valor dialoga com o grande tesouro literário do país, seja por aceitação, seja por negação. (Ana Miranda, em entrevista à Carolina Leal, do Jornal do Brasil 25/10/2011)

Através de um processo de revisitação do momento literário do poeta Gregório de Matos, há, nos romances em questão, uma ressignificação do contexto dos seiscentos, refazendo de certa forma parte da história da literatura brasileira pelo olhar particularizado da ficção. Assim, a narrativa romanceada da fortuna crítica deixada por Gregório de Matos Guerra apresenta-se em dois momentos, através de Ana Miranda, a fim de renovar o espaço literário do romance pós-moderno. Invoca-se, portanto, a necessidade de compreender a literatura do ponto de vista das experiências humanas, considerando as obras literárias como experiências de vida que podem contribuir para uma consciência de si, da relação com o outro e, ao mesmo tempo, da sua própria história e memória.

Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p.391) faz a seguinte assertiva: “Para nós, é infinitamente mais promissora a afirmação segundo a qual repetir não é nem reafirmar imediatamente, nem reelaborar: é ‘realizar de novo’”. É justamente na *novidade* desta realização de cunho literário que o presente estudo pretendeu aqui analisar, de forma inicial, as duas obras, ambicionando caminhar para uma pesquisa mais ampla com vistas a compreender a vida do autor barroco por meio do processo de ficcionalização empreendido duplamente por Ana Miranda.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. A Cicatriz de Ulisses. In: AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2007b, p. 1-20.



BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Huicitec editora, 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.). **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.

HANSEN, João Adolfo. 2004. **A sátira e o engenho**. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial. Campinas: Edunicamp, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, poesia, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MIRANDA, Ana. **Ana Miranda recria linguagem em novo romance** [out. 2011]. Entrevistador: Carolina Alves Leal. Entrevista concedida ao Jornal do Brasil.

_____. *Boca do Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Musa Praguejadora: A vida de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia, In: _____. **Flores da escrivaniha: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Campinas, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em: 16 abr. 2018

Aceito em: 21 abr. 2018